

CONTRIBUIÇÕES DE MARCEL MAUSS AOS ESTUDOS DO LAZER

Cinthia Lopes da Silva¹

Benecta Patrícia Fernandes e Fernandes²

Marcio Ferreira de Souza³

Ana Carolina Capellini Rigoni⁴

Piracicaba, SP, Brasil

Luciene Ferreira da Silva⁵

Bauru, SP, Brasil

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo identificar e analisar possíveis contribuições da obra clássica de Marcel Mauss “O ensaio sobre a dádiva”, de 1925, aos estudos do lazer. A produção científica sobre lazer teve fortes influências dos estudos sociológicos, dada a construção do debate teórico nesse campo a partir de autores clássicos e contemporâneos. A Antropologia é uma área de conhecimento que traz contribuições ao lazer, sobretudo pelo olhar voltado à dinâmica cultural em que os diferentes grupos sociais estão inseridos e pode, assim, complementar e aprofundar aspectos discutidos originalmente pelos estudos sociológicos. Realizou-se o debate da obra “O ensaio sobre a dádiva” no grupo de pesquisa e a partir de então, selecionou-se outros textos para a composição deste ensaio, sugeridos pelos participantes do grupo. Como técnica utilizou-se as formas de análise de Severino (2007): textual, temática e interpretativa. O estudo da obra de Marcel Mauss é parte de um projeto de pesquisa coletivo. A teoria da dádiva pode ser aplicada ao lazer a partir de três pontos: 1) da consideração das categorias tempo e atitude, 2) da vivência de valores a favor: do coletivo, do convívio social e do respeito às diferenças e 3) do aspecto da sociabilidade.

¹ Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Professora dos Cursos de Graduação em Educação Física e Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Unimep. Autora dos livros: "Lazer e educação física: textos didáticos para a formação de profissionais do lazer" e "Lazer e esportes: textos didáticos". Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC). Email: cinthialsilva@uol.com.br

² Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Unimep. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC). Email: benectapatricia@yahoo.com.br

³ Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Unimep. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC). Email: marcio_fsza@yahoo.com.br

⁴ Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Professora dos Cursos de Graduação em Educação Física e Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Unimep. Autora dos livros: "Lazer e educação física: textos didáticos". Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC). Email: anacarolinarigoni@yahoo.com.br

⁵ Unesp – Bauru. Professora do departamento de Educação da Unesp - Bauru. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC). Email: silvalucienef@gmail.com

Palavras-chave: Atividades de Lazer. Antropologia. Cultura.

MARCEL MAUSS CONTRIBUTIONS TO LEISURE STUDIES

ABSTRACT: This study aims to identify and analyze possible contributions of the classical theory of Marcel Mauss "The gift", 1925, to leisure studies. The scientific production of leisure had strong influences of sociological studies, given the construction of the theoretical debate in this field from classical and contemporary authors. Anthropology is an area of knowledge that brings leisure contributions, especially by looking back the cultural dynamics in which different social groups are inserted and can thus complement and deepen aspects discussed originally by sociological studies. "The gift" was discussed in the research group and, since then, other texts were selected for the composition of this essay, following the suggestions of the group participants. As a technique, the forms of analysis of Severino (2007) were used: textual, thematic and interpretative. The study of the work of Marcel Mauss is part of a collective research project. The theory of the gift can be applied to leisure today from three points: 1) of the time and attitude category, 2) of the experience of values in favor: of the collective life, social life and respect for differences and 3) of the sociability aspect.

Keywords: Leisure Activities. Anthropology. Culture.

CONTRIBUCIONES DE MARCEL MAUSS A LOS ESTUDIOS DEL OCIO

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo identificar y analizar las posibles contribuciones de la teoría clásica de Marcel Mauss "Ensayo sobre el don", de 1925, a los estudios de ocio. La producción científica de ocio tenía fuertes influencias de los estudios sociológicos, dada la construcción del debate teórico en este campo de autores clásicos y contemporáneos. La Antropología es un área de conocimiento que aporta contribuciones de ocio, especialmente por mirar hacia atrás la dinámica cultural en el que diferentes grupos sociales se insertan y por lo tanto pueden complementar y profundizar aspectos discutidos originalmente por los estudios sociológicos. Se llevó a cabo el debate de trabajo "el ensayo sobre el don" en el grupo de investigación y desde entonces, fueron seleccionados otros textos para la composición de este ensayo, sugeridos por los participantes del grupo. Como técnica, se utilizó de las formas de análisis de Severino (2007): textual, temático e interpretativo. El estudio de la obra de Marcel Mauss es parte de un proyecto de investigación colectiva. La teoría del don puede ser aplicada al ocio hoy a partir de tres puntos: 1) de la categoría tiempo y actitud, 2) de la experiencia de los valores: a favor de la vida colectiva, social, respeto a las diferencias y 3) del aspecto de la sociabilidad.

Palabras-clave: Actividades Recreativas. Antropología. Cultura.

Introdução

Sabemos que a obra de Marcel Mauss é datada (1925) e estabelecer reflexões a partir dela exige certo rigor teórico e metodológico. Alguns ensaios de Mauss, no entanto, se tornaram clássicos na Antropologia e em áreas que dela se apropriam, justamente pela relevância de suas contribuições. Ao relermos, um de seus textos mais famosos, o “Ensaio sobre a dádiva”, percebemos que alguns dos argumentos desenvolvidos pelo autor podem ser de grande valia para pensarmos o lazer e seus múltiplos aspectos na sociedade contemporânea. Este texto é, portanto, fruto de uma reflexão conjunta sobre o conceito de “dádiva” e seus desdobramentos para a área do lazer. Buscamos estabelecer algumas relações entre as ideias de Mauss e o Lazer na contemporaneidade, demonstrando como, apesar de “datada”, sua obra serve para pensarmos os problemas atuais.

A noção de dádiva, elaborada por Mauss (2003)⁶ e base de nossa reflexão neste ensaio, refere-se aos diversos tipos de trocas efetuadas entre membros de uma determinada sociedade. Tais trocas podem ser pautadas nas relações econômicas, de parentesco, em eventos sociais, entre outras. É certo que o autor construiu sua análise sobre o sistema de trocas (“dádiva”) em diversas sociedades ditas “arcaicas”, mas considerava esse modelo de análise atual no caso de sociedades que, segundo ele, são regidas pela circulação de bens, pessoas e serviços. Esta circulação gera um tipo de contrato entre indivíduos e coletividades. Tal contrato, ao mesmo tempo que possui caráter voluntário, aparentemente livre e gratuito, é, de certa forma, imposto. Esta “obrigatoriedade” gera aquilo que Mauss denominou de “sistema de trocas”. O autor define este sistema a partir de três obrigações básicas entre pessoas e grupos: a “obrigação de dar”, a “obrigação de receber” e a “obrigação de retribuir”.

Ao elaborarmos este texto, partimos da compreensão de que estas três obrigações geram, até os dias atuais, relações de sociabilidade. Essas sociabilidades, que não escapam das amarras do dinheiro e do mercado, podem ser percebidas nos ambientes e práticas de lazer contemporâneos. Foi, portanto, partindo destas reflexões que fizemos uma aproximação entre a teoria de Mauss (2003) e os estudos do lazer.

A produção científica do lazer teve fortes influências dos estudos sociológicos. Isto pode ser evidenciado a partir de algumas produções que se debruçaram no estudo de autores clássicos e contemporâneos do lazer como, por exemplo, as publicações de Marcellino (2010)⁷ e Marinho e Pimentel (2010). Esses estudos procuram dar uma explicação para o lazer e, embora não haja um consenso entre os estudiosos, pode-se

⁶ Texto extraído originalmente de *Année Sociologique*, 2ª série, v. I [1923-24], 1925.

⁷ Nesta obra, são apresentadas e discutidas as ideias dos principais autores filósofos e sociólogos que trouxeram contribuições aos estudos do lazer: Paul Lafargue, Antonio Gramsci, Bertrand Russel, Huizinga, Roger Caillois, Umberto Eco, Thorstein Veblen, David Riesman, Georges Friedmann, Wright Mills, Max Kaplan, Geoffrey Godbey, Sebastian De Grazia, Jean Fourastié, Domenico De Masi, Henry Lefebvre, Witold Rybczynski, Philippe Ariès, Stanley Parker, Joffre Dumazedier, autores da “Escola de Frankfurt” (Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Eric Fromm, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas), Norbert Elias, Eric Dunning e Palmer Thompson.

dizer que há um grupo de autores, ao qual fazemos parte, que considera o lazer como um fenômeno social urbano industrial, surgido com o processo de Revolução Industrial que teve início no final do século XVIII. Esse entendimento de lazer será nosso ponto de partida e isso será especialmente importante para a discussão que aqui propomos, em apresentar as contribuições do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss aos estudos do lazer.

A teoria da dádiva de Marcel Mauss e suas relações com o lazer na atualidade

A teoria da dádiva de Mauss (2003) tem como base as sociedades ditas “arcaicas”, nas quais o sistema econômico e social era baseado na troca, ou melhor, no *potlach*, como se refere o autor. Exemplos dessas sociedades são os povos da Melanésia, Polinésia e do Noroeste Americano, de acordo com registros de experiências nessas sociedades datados dos séculos XVIII e XIX. Nessas sociedades havia uma força mágica de cada ser e também sua honra, que pode ser sintetizada na autoridade e riqueza. Assim, o *potlach* significa considerar como honras os serviços mútuos. Esta mutualidade é analisada por Mauss a partir de três obrigações que permeiam as relações entre pessoas e famílias.

A primeira obrigação é a de “dar” e, segundo o autor, ela é “a essência do *potlach*” (MAUSS, 2003, p.243). O dar está relacionado à honra da família, seu *status* social. Um exemplo deste primeiro princípio da dádiva em sociedades arcaicas pode ser pensado a partir da festa. Ao oferecerem uma festa com muita fartura e luxo os anfitriões tinham em vista a participação das pessoas da comunidade, mas também visavam a demonstração do “status” da família – que ao ter condições de oferecer a festa torna público seu prestígio. A segunda obrigação, numa relação de dádiva, é a obrigação de “receber”. Recusar a dádiva, abdicando de receber algo é uma forma de demonstrar a recusa do *potlach*. Esta recusa, além de ofensiva é, de algum modo, um rompimento dos laços de sociabilidade anteriormente criados. Para Mauss, recusa-se receber por medo da obrigação de retribuir, pois ao aceitar a dádiva a pessoa se compromete, em algum momento, com a retribuição, que é a terceira obrigação pontuada pelo autor que alerta para o fato de que “(...) o indivíduo que não pôde retribuir o empréstimo ou o *potlach* é desqualificado e perde mesmo a condição de homem livre” (MAUSS, 2003, p.250).

Ao analisarmos as três obrigações mencionadas – o dar, o receber e o retribuir -, vemos que há um sistema de trocas que inclui o compromisso dos sujeitos envolvidos. É uma forma de sociabilidade e de manutenção da vida social em que há a oferta, deveres e obrigações, no sentido de um contrato simbólico, social. Nesse sistema podemos notar como a cultura de um povo, os aspectos simbólicos que os orientam são determinantes e envolvem relações de poder – de *status* social e de prestígio.

Essas considerações acerca da teoria da dádiva de Mauss (2003) pode ser uma referência para pensarmos o fenômeno do lazer nas sociedades urbano industriais. As

relações implicadas na dívida podem ser úteis na medida em que provocam uma reflexão sobre as práticas de lazer no âmbito da sociedade atual, sobretudo em um contexto social em que as relações humanas estão permeadas por valores como a competição, o individualismo, a concorrência, a mercadorização de atividades e práticas. Portanto, a linha de pensamento a se desenvolver a seguir é: refletir acerca das características do lazer nas sociedades urbano industriais, levando em consideração: 1) a questão da divisão do tempo de trabalho e tempo disponível, 2) o incentivo ao consumo, 3) as barreiras sociais, 4) o convívio no contexto atual e 5) possíveis contribuições de Mauss (2003) a esses aspectos anteriores.

Com a Revolução Industrial ocorreu uma nova organização social que teve como consequência a divisão do tempo de trabalho e de lazer. O trabalho sem pausas, dia após dia, sem descanso advindo da sazonalidade natural do campo, que era característico das sociedades anteriores ao processo industrial, impôs ritmo acelerado ao ser humano e, aliado à diminuição de festas e feriados, oprimiu-o, levando-o a certa organização do trabalho. A vida social não seguiu com leveza, pois o capitalismo proporcionava muitas modificações nos hábitos, imputando um tipo de trabalho pesado, em geral monótono e, em muitos casos, repetitivo. Com o passar do tempo, a partir da já conhecida divisão entre empregador e trabalhador assalariado, o qual gerou um fenômeno que se mantém até hoje, no qual é possível vender e pagar pela força de trabalho, o ser humano se percebeu membro de uma sociedade de classes. Esta sociedade se organiza para garantir mais tempo, para além daquele destinado ao trabalho e outras conquistas favoráveis aos trabalhadores.

O tempo disponível, então, que ocorre fora do tempo de trabalho e das obrigações sociais é garantido aos trabalhadores com as férias, feriados e fins de semana remunerados. Segundo Marcellino (2002), para que as práticas realizadas nestes espaços de tempo sejam consideradas como atividades do contexto do lazer⁸ elas precisam estar desvinculadas das obrigações cotidianas. Segundo ele:

O lazer ligado ao aspecto tempo considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no “tempo livre”, não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas (MARCELLINO, 2002, p.8).

Nesse “tempo livre” os sujeitos podem ou não usufruir do lazer:

Com a conquista de mais tempo livre – redução da jornada de trabalho, repouso semanal, aposentadoria, etc. - era de se esperar que o homem se dispusesse, com maior regularidade, às atividades de lazer. A realidade, porém, é que são vários os fatores que estão a impedi-lo: o cansaço físico, mental gerado pelas atuais condições de trabalho, cada vez mais rotineiro e dividido: o barulho e a poluição; as grandes distâncias entre a moradia e o local de trabalho e os espaços de lazer; as dificuldades de trânsito; e sobretudo, a falta de espaços de lazer, na cidade

⁸ Preferimos utilizar o termo “atividades do contexto do lazer” ao invés de simplesmente “atividades de lazer” devido ao fato do lazer ser um fenômeno social e, portanto, não deve ser utilizado como adjetivo. Apesar disso, reconhecemos que o seu uso como adjetivo é frequente na literatura.

(DUMAZEDIER, 1980, p. 50).

O tempo destinado às atividades do âmbito do lazer, nos quais ocorriam os encontros entre pessoas, também se vê invadido por valores mercadológicos que corrompem sua legitimidade. Ou seja, corrompem, em um certo sentido, o fundamento da dádiva como princípio de sociabilidade.

Nestes casos, os valores como a solidariedade, o convívio com o outro e o respeito às diferenças sociais, que podem ser predominantes na realização de atividades do contexto do lazer, têm seus potenciais restringidos. Se o lazer pode ser veículo e objeto de educação, há também a possibilidade de restringir seu potencial com modelos limitados de vivências sociais. Assim, como as teorias do lazer apontam para o seu empobrecimento, podemos afirmar, à luz da teoria da dádiva, que há um empobrecimento das sociabilidades. O incentivo do mercado e da mídia ao consumo de atividades e produtos relacionados ao contexto do lazer é uma forma de reforço para que os sujeitos sejam meros consumidores de mercadorias, não havendo muitas vezes um processo de educação e conscientização para que os sujeitos se tornem construtores de novos valores em benefício do coletivo, da sociabilidade, da relação com o outro, contribuindo assim, com seu próprio desenvolvimento pessoal.

O lazer doméstico é ampliado na medida em que a omissão do Estado abre espaço para a atuação do mercado no âmbito do lazer. A questão que se coloca é como esperar relações de troca e reciprocidade em uma sociedade em que as pessoas ficam cada vez mais restritas à casa. Parece evidente que boas ações no âmbito das políticas públicas, que ofereçam espaços e equipamentos capazes de contemplar as práticas de lazer fora do ambiente doméstico, são fundamentais na realização das “trocas”, no sentido Maussiano.

As classes mais desfavorecidas sociocultural e economicamente, ficam alijadas de vivências no tempo disponível por se encontrarem distantes fisicamente dos espaços e equipamentos destinados ao lazer e também pela falta de ações no âmbito da educação para o lazer por parte dos órgãos governamentais. Resta para esta população o lazer doméstico que isola os sujeitos, diminui a qualidade da fruição da vida, suas relações, sensações e percepções. Assim, há um impedimento das trocas (dádivas) que pode ocorrer entre sujeitos de classes distintas, uma vez que a centralização de espaços e equipamentos de lazer ocasiona o uso de espaços diferentes para classes economicamente distintas.

Outro fator é que mesmo que haja tempo disponível, há empobrecimento das relações humanas por conta das barreiras sociais (interclasses e intraclasses), da violência e do desinteresse que se instala culturalmente pelo acesso cotidiano às vivências do lazer. Assim, se almeja que os hábitos, ao contrário, superem o consumo e o conformismo e que alcancem a crítica e o aprendizado (...) (MARCELLINO, 2008), de modo a se rever a relação com a própria cidade, com as pessoas e com os locais para o acesso às atividades do âmbito do lazer.

Se a teoria sobre a dádiva nos fornece subsídios para analisar as questões pontuadas até aqui a partir de um olhar crítico, é preciso fazer o exercício de enxergá-la como forma de sustentar aspectos positivos que resultam ou sobram destas relações por nós criticadas. Há que se considerar, portanto, que mesmo neste contexto/cenário, onde o lazer é segregado, podemos fazer uma leitura coerente com a noção de dádiva. Basta ponderar que mesmo que os sujeitos estejam limitados às experiências centradas em grupos específicos (onde grupos distintos não se misturam), algumas relações mais intensas e duráveis vão se concretizando ao longo desta convivência.

Os diversos grupos, que têm cada vez mais se isolado, permanecendo amarrados às relações identitárias específicas vão produzindo um tipo de “troca” que promove a manutenção de vínculos. Em outras palavras, como afirma Simmel (1983), estas relações criam “redes de sociabilidade”. Estas sociabilidades são definidas por Simmel (1999), como “formas puras” de ação recíproca. Dizem respeito a um tipo de interferência mútua das ações de indivíduos em interação. Implicam formas acordadas e assimiladas por determinada composição de coletivo.

Tais redes de sociabilidades podem ser exemplificadas pelos inúmeros grupos que reduzem suas vidas sociais e práticas de lazer a lugares específicos, frequentados apenas por pessoas que possuem certo perfil. É o caso, por exemplo, de inúmeros religiosos, que só frequentam lugares próprios, criando uma rede de “irmandade” com interesses voltados a religião. O mesmo ocorre entre pessoas com interesses comuns como grupos que praticam determinadas modalidades esportivas. Há ainda o caso de militâncias que promovem encontros destinados ao lazer de grupos específicos como os encontros LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros).

Estes tipos de sociabilidade exprimem a própria formação de sociedade como um valor, sendo seu exercício caracterizado basicamente “por um sentimento entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso” (SIMMEL, 1983, p. 168). Ou seja, ela é fundamental na criação de laços que extrapolam os momentos de convivência social e tornam-se laços familiares. Lévi-Strauss (2003), ao analisar o ensaio sobre a dádiva, na introdução ao livro de Mauss (2003), aponta para a importância desta análise nas relações de parentesco. Em meio a estas relações de convivência limitadas a certos grupos identitários, as pessoas vão encontrando e descobrindo afinidades que potencializam, inclusive, relações amorosas. É mais fácil um religioso encontrar alguém “indicado” para casar em um evento realizado apenas para pessoas de seu grupo do que em outras ocasiões.

Estes encontros, que envolvem interesses específicos, geram namoros, casamentos e amizades duradouras. São estas relações que Lévi-Strauss (2003) considera fundamental na teoria de Mauss (2003). Tais relações nos remetem, inclusive, aos estudos do lazer que falam sobre os interesses culturais (DUMAZEDIER, 1980; MARCELLINO, 2007; CAMARGO, 1986; e SCHWARTZ, 2003). Estes interesses ou conteúdos se subdividem em seis. São eles: os artísticos, os intelectuais, os

fisicoesportivos, os manuais, os sociais e os turísticos. Para Schwartz (2003) há, ainda, um sétimo conteúdo denominado de virtual.

Os conteúdos ou interesses artísticos englobam o imaginário, as emoções e somam as manifestações artísticas. Nos conteúdos ou interesses intelectuais, há a busca pelo intelecto. Compõe este conteúdo a leitura e o experimento. Já os conteúdos ou interesses fisicoesportivos envolvem atividades como as práticas esportivas, os jogos, a pesca, a ginástica, dentre outras. Os conteúdos ou interesses manuais são representados pela manipulação ou transformação de objetos, por exemplo. Nos conteúdos ou interesses sociais, há a presença do contato social entre os indivíduos. Ilustram-se neste conteúdo os bailes e as associações. Em relação aos conteúdos ou interesses turísticos, são aqui caracterizados pela busca dos sujeitos por novas paisagens, quebra da rotina, interesse por novas culturas, novas pessoas, viagens e passeios, apresentando-se como exemplos desses conteúdos. Com relação ao conteúdo virtual, Schwartz (2003, p.29-30) contribui ao afirmar que:

O conteúdo virtual não representa apenas uma nova “roupagem” para os outros conteúdos culturais, mas, configura-se como um elemento do tempo presente, com linguagem própria, capaz de alterar, até mesmo, o setting vivencial, isto é, onde a pessoa pode usufruir de novas dinâmicas de acesso cultural, exigindo, novas posturas, novas demandas e novos olhares, sem o ranço preconceituoso que normalmente perpassa toda e qualquer novidade.

O virtual pode ser compreendido também como um espaço para o acesso aos demais conteúdos do lazer, como afirma Fraga e Silva (2010).

Se por um lado estes interesses distintos podem segregar grupos e pessoas, por outro lado eles têm a capacidade de promover relações mais duradoras, como as apontadas por Lévi-Strauss (2003). Além disso, destacamos o fato de que os interesses ou conteúdos do lazer podem ser vivenciados de modo que os sujeitos possam construir novos valores, questionadores da ordem social, de modo a subverter o mero consumo de mercadorias como forma de lazer. Nesse sentido, vemos como fundamental as contribuições de Mauss (2003), ao pressupormos que estes interesses que promovem socialização e convívio com o “outro” (o diferente de nós), favorecem as “trocas” e valorizam-na como elemento fundamental para a vida social.

Por meio desse pressuposto, o entendimento de uma possível e excessiva valorização do consumo do lazer, motivada pela mercadorização e pela indústria cultural contemporânea daria lugar a novas formas de vivenciar o lazer, seja pelo princípio da reciprocidade, pela socialização entre os sujeitos no lazer e pelo lazer, ou ainda pela troca de experiências culturais. O dar, receber e retribuir tornam-se um processo não somente ligado a um tipo econômico de referência de transferências de valor no lazer, mas oferece um círculo de trocas e experiências culturais enriquecedoras entre os sujeitos.

Podemos identificar que nesta sociedade atual, urbano industrial, muitos trabalhadores têm como rotina oito horas ou mais de trabalho diário e no tempo que

sobra são desenvolvidas atividades relacionadas ao deslocamento casa-trabalho, às necessidades pessoais (dormir, se alimentar, tomar banho) e, ainda, ao descanso e à realização de atividades do contexto do lazer - muito delas realizadas no próprio lar, como dissemos anteriormente.

Ao olharmos para esses aspectos apontados acima, com relação a divisão do tempo destinado às obrigações e ao lazer, entendemos que é fundamental os sujeitos vivenciarem valores que representem uma forma de resistência ao consumo, ao lazer como mera mercadoria, à competição e ao individualismo – valores fortemente presentes na sociedade atual. Ou seja, o que está em questão e que aqui sinalizamos com base nos estudos do lazer e na teoria da dádiva de Mauss (2003) é que os sujeitos, ao vivenciarem a essência da dádiva (a troca), poderão experimentar algo que poderá ser determinante para a sociabilidade, para a humanização do sistema em que se vive.

Deste modo, podemos pressupor que a troca ocorre nas sociedades industriais capitalistas à medida em que os sujeitos vivenciam valores nos quais o coletivo e o convívio com o outro são predominantes. Assim, a atitude dos sujeitos é uma das categorias centrais para que ocorra a vivência de valores opostos ao mero consumo de mercadoria. Neste sentido, os conteúdos do lazer podem ser elementos fundamentais no sentido de incentivar os sujeitos ao convívio social. Um típico fenômeno que ocorre em grande parte do país, principalmente nos fins de semana é o jogo de futebol. Não é raro um grupo de amigos que jogam futebol estenderem o momento de convívio bebendo uma cerveja juntos. Aí está a potencialidade para se colocar em ação os princípios da dádiva. Se a disputa e os princípios de competição se fazem presentes, a sociabilidade que deles emana é capaz de mobilizar os sujeitos para a manutenção destes encontros.

Nestes contextos, nos quais podem ocorrer manifestações de disputa e até pequenas brigas, decorrentes da efervescência do jogo, a sociabilidade se sobrepõe e há um tipo de aprendizado por parte das pessoas no sentido de superarem tais problemas em prol do convívio com o outro. Isso não quer dizer que a vivência dos conteúdos do lazer não seja isenta de disputas, de relações de poder, prestígio etc., mas cremos que estes aspectos fazem parte do próprio princípio da dádiva.

O sistema de trocas se inicia no tempo fora das obrigações – as horas diárias que sobram das obrigações, necessidades pessoais e deslocamento para o trabalho; fins de semana, férias anuais e aposentadoria. Assim, identificamos a categoria tempo como outro elemento fundamental no que diz respeito ao sistema de trocas. Além disso, na vivência de atividades do contexto do lazer, os aspectos que apontamos sobre a dádiva poderão ser potencializados, à medida que os sujeitos tenham acesso a conhecimentos que lhes deem base sobre os conteúdos do lazer e os valores sociais. Assim, ao invés de consumirem atividades do âmbito do lazer como forma de mercadoria, os sujeitos poderão ter acesso a experiências nas quais a sociabilidade seja potencializada, pressupondo o convívio com o outro, o estreitamento de laços, a festividade, o respeito às diferenças, a disputa etc.

Mauss (2003) aplica sua noção de dádiva a três contextos diferentes: o político e econômico; o moral e o geral. É, justamente, sobre estes três apontamentos que tecemos nossa análise. Estas, longe de concluírem algo, apontam algumas questões.

Ao falar sobre o contexto político e econômico, o autor afirma que as dádivas ou trocas não são livres, nem desinteressadas e consistem em manutenção de alianças e acordos entre as partes ou pessoas. A demanda que se coloca a este respeito vai no sentido de como equalizar as necessidades e direitos dos cidadãos ao lazer com os interesses políticos e mercadológicos. A questão que permanece é a seguinte: como, diante de uma disputa de interesses entre o Estado e a sociedade civil, construir políticas públicas que supram a falta de equipamentos e práticas de lazer a todas as classes sociais?

No contexto moral, o autor aponta para um tipo de fluência entre as ações obrigatórias e livres. Para ele, algumas trocas, que a princípio eram obrigatórias, se mesclam a sentimentos, substituindo o valor “venal” da mercadoria pela valorização das relações pessoais. A demanda que aqui se coloca diz respeito às possibilidades de resignificação do lazer e de suas práticas à luz de reflexões que considerem os sistemas de troca a partir de uma visão mais humanizada. A questão que fica, portanto, é: como, diante de uma sociedade urbanizada e dominada pelos interesses do mercado, possibilitar práticas relacionadas ao lazer marcadas mais pela sociabilidade do que pelo poder de compra?

Naquilo que Mauss (2003) denomina de contexto geral, o autor reafirma a ação da totalidade⁹ da sociedade e de suas instituições, a partir de fenômenos jurídicos e do direito. O que significa dizer que quando temos um sistema de trocas com o ciclo completo, aquele que doa (ou, no caso deste texto podemos pensar no Estado e nas Políticas públicas) também recebe sua compensação. Estas trocas representam conexões de totalidade porque criam vínculos jurídicos, morais, psicológicos, econômicos, dentre outros. Para além da percepção funcionalista que este contexto possa remeter (visão que não pode ser atribuída a obra de Mauss), a demanda que se apresenta diz respeito a forma como compreendemos o lazer na perspectiva da própria vida. Se com base na Constituição Federal o lazer é um direito, ao analisarmos seus impactos na “vida real” ele é capaz de mobilizar aspectos humanos que seguramente representam a noção de totalidade desenvolvida por Mauss (2003). A questão que permanece, neste caso, é: Como articular estes aspectos de maneira a garantir a todos os cidadãos, um acesso pleno às práticas voltadas ao lazer? Acesso este que leve em conta as relações humanas para além do consumo e para além das portas de suas casas. Um acesso às práticas que contemplem, aos moldes do Fato Social Total, uma experiência que é política, econômica, mas também cultural, social, psicológica, biológica, etc.

⁹ Neste mesmo “Ensaio sobre a dádiva”, Mauss elabora sua noção de Fato Social Total – FST. Para o autor não é possível analisar a sociedade a partir de esferas separadas. Somente uma visão de totalidade, que considere aspectos sociais, psicológicos e biológicos pode fornecer subsídios para a compreensão do comportamento humano.

Considerações finais

Notamos que o lazer tem sido estudado cientificamente por meio de influências sociológicas e firmado como um fenômeno social urbano industrial, resultado do processo de industrialização. Trouxemos neste estudo alguns apontamentos acerca do lazer, a partir das contribuições antropológicas de Marcel Mauss. Nossas reflexões vão no sentido de identificar o quanto as relações de troca, já analisadas por Marcel Mauss, podem ser produtivas ao pensarmos a sociedade atual. Em síntese, a teoria da dádiva pode ser aplicada ao lazer na atualidade a partir de três pontos: 1) das categorias tempo e atitude, determinantes para o lazer; 2) da mobilização de valores que favoreçam: o coletivo, o convívio social e o respeito às diferenças e; 3) do aspecto da sociabilidade – pressuposto básico para o sistema de trocas e para as atividades do contexto do lazer.

Essas análises sobre os contextos podem gerar produtivas reflexões no âmbito da educação e no campo do lazer, uma vez que chamam a atenção para as formas como podemos agenciar nossas obrigações e nosso tempo disponível, bem como nossas atitudes e interesses. Estes elementos são e estão mediados pelos diferentes tipos de trocas estabelecidos nas diferentes esferas da vida, revelando um comportamento humano “total”.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, L. O. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

FRAGA, E. M., SILVA, C. L. da. Comunidades virtuais de internet: atualização do debate sobre lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.4, p.1-20, dez.2010.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARCELLINO, N.C. (Org). **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Alínea, 2008.

_____. Lazer e Cultura: algumas aproximações. In: MARCELLINO, N.C. (org.). **Lazer e Cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p.9-30.

MARCELLINO, N.C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 3 ed. Campinas: Atores Associados, 2002.

_____. Contribuições de autores clássicos modernos e contemporâneos para os estudos do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.4, p.1-42, dez., 2010.

MARINHO, A., PIMENTEL, G. G. de A. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer. In: PIMENTEL, G. G. de A. (org.). **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010. p.11-41.

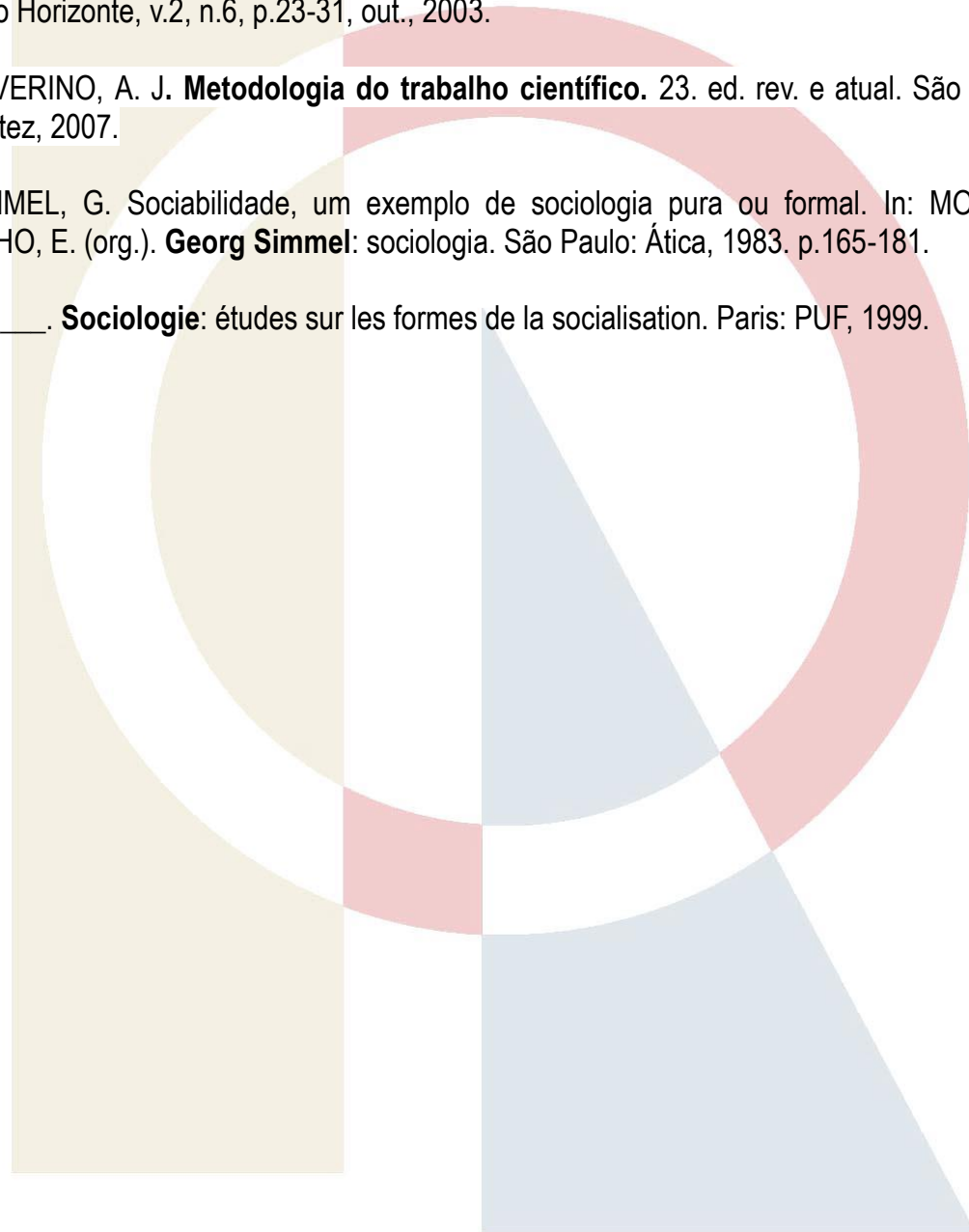
MAUSS, M. O ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.183-294.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v.2, n.6, p.23-31, out., 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

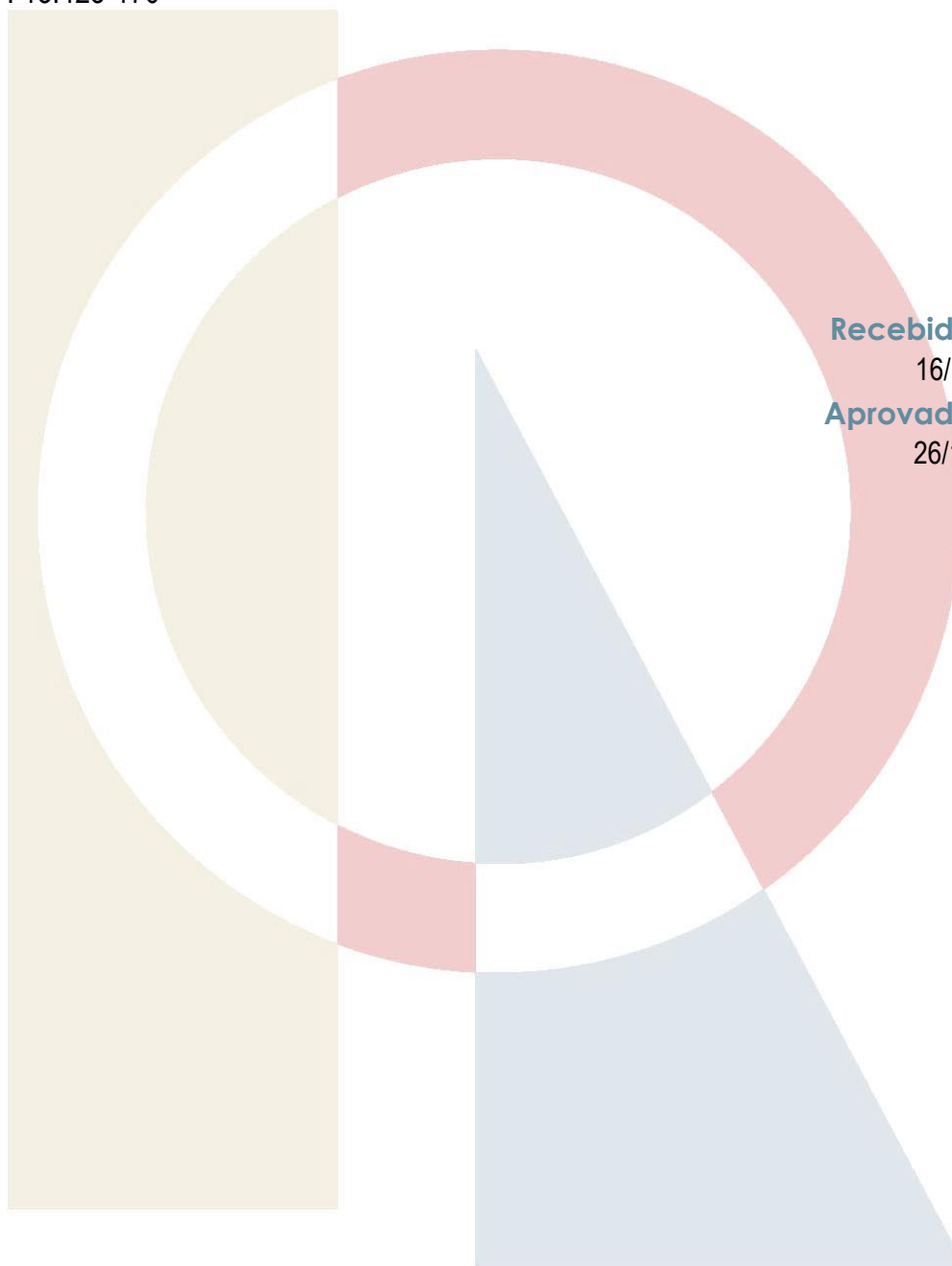
SIMMEL, G. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.165-181.

_____. **Sociologie: études sur les formes de la socialisation**. Paris: PUF, 1999.



Endereço para correspondência

Rodovia do Açúcar, km 156 (SP-308).
Universidade Metodista de Piracicaba – Piracicaba – SP
CEP: 13.423-170



Recebido em:
16/11/2016
Aprovado em:
26/12/2016